

**Pesquisas em design, gestão e tecnologia
de Têxtil e Moda:
volume 10**

Organizadores:

ISABEL CRISTINA ITALIANO

JOÃO PAULO MARCICANO

JÚLIA BARUQUE RAMOS

MARIA SÍLVIA BARROS DE HELD

REGINA APARECIDA SANCHES

São Paulo
Edições EACH
2022

DOI: 10.11606/9786588503218



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada 2022 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP

Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil
03828-000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-Reitor

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor
Vice-Diretor

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha
Profa. Dra. Fabiana de Sant'Anna Evangelista

Conselho Editorial das Edições EACH

Prof. Dra. Isabel C. Italiano (Presidente - EACH/USP – Brasil)
Prof. Dr. Jefferson A. Mello (Vice-Presidente - EACH/USP – Brasil)
Prof. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)
Analúcia dos Santos V. Recine (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dra. Anna Karenina A. Martins (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dra. Clara Vasconcelos (Universidade do Porto – Portugal)
Prof. Dr. Daniel Hoffman (Rutgers University – EUA)
Prof. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dr. Michel Riaudel (Sorbonne Université – França)
Prof. Dra. Rosely A. Liguori Imbernon (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

Pesquisas em design, gestão e tecnologia de têxtil e moda : volume 10 /
Organizadores: Isabel Cristina Italiano ... [et al.]. – São Paulo : Edições
EACH, 2022.
1 ebook

ISBN 978-65-88503-21-8 (recurso eletrônico)
DOI 10.11606/9786588503218

1. Tecnologia têxtil. 2. Tecnologia têxtil – Pesquisa. 3. Moda – Design –
Pesquisa. 4. Indústria têxtil – Gerenciamento. I. Italiano, Isabel Cristina, org. II.
Marcicano, João Paulo Pereira, org. III. Baruque Ramos, Júlia, org. IV. Held,
Maria Sílvia Barros de, org. V. Sanches, Regina Aparecida, org.

CDD 22. ed. – 677

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

ITALIANO, I. C.; MARCICANO, J. P. P.; BARUQUE RAMOS, J.; HELD, M. S. B.; SANCHES, R. A. (org.).

Pesquisas em design, gestão e tecnologia de têxtil e moda: volume 10. São Paulo: Edições EACH, 2022. 1 ebook. DOI 10.11606/9786588503218.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. In: ITALIANO, I. C.; MARCICANO, J. P. P.; BARUQUE RAMOS, J.; HELD, M. S. B.; SANCHES, R. A. (org.). **Pesquisas em design, gestão e tecnologia de têxtil e moda:** volume 10. São Paulo: Edições EACH, 2022. p. xx-yy. DOI 10.11606/9786588503218.

O colete de Rui Barbosa – aspectos estéticos e construtivos

Rui Barbosa's vest – aesthetic and constructive aspects

Isabel Cristina Italiano

Universidade de São Paulo – Brasil

Fausto Roberto Poço Viana

Universidade de São Paulo – Brasil

1. Introdução⁴

Os estudos sobre a indumentária histórica brasileira, como os apresentados no presente trabalho, possibilitam a documentação e o registro detalhado de trajes usados por gerações anteriores e oferecem, às gerações futuras, conhecimento de suas raízes e de sua cultura, por meio de seus modos de vestir. Desta forma, resgatam parte da memória e da identidade de uma parcela da sociedade brasileira, produzindo, também, material de apoio tanto para a academia, quanto para a produção de trajes de cena.

Inúmeras são as fontes que possibilitam o estudo dos trajes históricos, porém, vale ressaltar a importância do estudo a partir de fontes primárias, ou seja, o próprio traje, conservado em acervos de museus, de outras instituições ou de colecionadores particulares.

A Fundação Casa de Rui Barbosa é uma instituição pública, localizada em uma das antigas chácaras em Botafogo, no Rio de Janeiro. Era o bairro preferido pela aristocracia do final do século XIX e início do século XX como área residencial. A casa em que a Fundação opera foi a residência

⁴ O presente estudo é parte da tese de pós-doutorado da Profa. Dra. Isabel C. Italiano, realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a supervisão do Prof. Dr. Fausto Viana (trabalho não publicado).

de Rui Barbosa e sua família de 1895 até 1923. Dentre o acervo da instituição, estão têxteis, que incluem trajes.

O traje de estudo do presente trabalho é um colete, que pertenceu a Rui Barbosa, um dos maiores intelectuais, jornalistas e políticos brasileiros. Rui Barbosa, ou Ruy Barbosa de Oliveira, nasceu em Salvador, em 1849 e faleceu em 1923, em Petrópolis. Como político (foi deputado, senador, ministro e candidato, por duas vezes, à Presidência da República), lutou pela abolição da escravidão e liberdades civis no Brasil. Exerceu o ofício de jornalista, trabalhando em grandes jornais da época, que lutavam pelas causas cidadãos e revolucionárias. Além disso, foi escritor, fazendo parte do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) e, em 1908, tornou-se presidente desta instituição, após a morte de Machado de Assis (CASA DE RUI BARBOSA, 2021).

O principal objetivo deste trabalho é apresentar as características estéticas e os aspectos de construção (modelagem e costura) deste colete do Águia de Haia⁵.

O método de trabalho parte da análise da peça original, sendo realizado um estudo e registro detalhados das características que compõem o colete. Tendo como base os aspectos estéticos do colete, são apresentadas informações que contextualizam seu uso no período, por meio de iconografia da época. Uma análise mais aprofundada, feita, também, na peça original, apresenta sua modelagem e características construtivas. A partir dessas informações, é confeccionado um protótipo da peça, para validar sua modelagem e apresentar alguns detalhes de sua construção. O colete de Rui Barbosa é datado, pelo museu, como sendo do início do século XX e pode ser visto na Figura 1.

O colete foi confeccionado por Brandão Silva & Cia, como identificado na etiqueta na peça, e é possível afirmar que date do primeiro quartel do século XX (Rui Barbosa morreu em 1923). O colete traz em si várias características de uma peça do século XIX, ainda que tenham surgido

⁵ O epíteto de Rui Barbosa, que na II Conferência de Paz, em Haia, na Holanda, em 1907, se destacou pela brilhante defesa do princípio da igualdade dos Estados.

inúmeras variações nos modelos de colete ao longo do século XIX e início do XX.

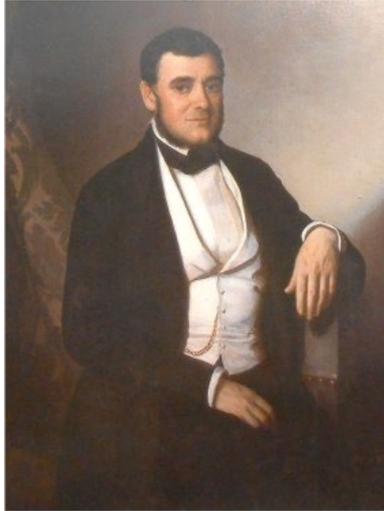
Figura 1: Visão da frente do colete de Rui Barbosa, parte do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Foto: Isabel C. Italiano, 2013.

Para se ter uma ideia da proximidade em estilo do colete de Rui Barbosa com um do século XIX, a Figura 2 mostra o Comendador Manuel Correia de Aguiar, por volta de 1850, usando um colete muito parecido – ainda que com o decote mais alto –, no estilo, ao de Rui Barbosa. O colete branco era usado em eventos à noite (WAUGH, 1964).

Figura 2: Retrato do Comendador Manuel Correia de Aguiar, F. Krumholz, 1850.

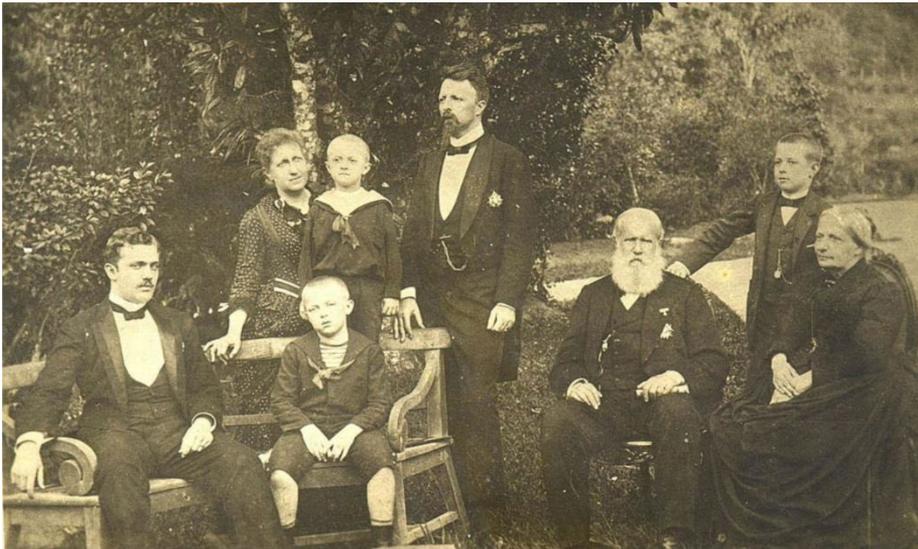


Fonte: Peixoto (1989, p. 62).

Os coletes, peças importantes da indumentária masculina do século XIX, têm comprimento, em geral, na altura da cintura, podendo apresentar abotoamento simples ou duplo, com ou sem gola e lapela. Quase no final do século XIX, quando a sobriedade reinava nos trajes masculinos, os coletes eram a peça mais decorativa da indumentária masculina, sendo usualmente feitos de materiais ricos, em cores muitas vezes distintas, variadas e chamativas. Apesar de combinar com os tecidos das calças e casacos na segunda metade do século, para uso com trajes formais, entretanto, os coletes eram usualmente mais claros e com tecidos mais leves. Para trajes usados à noite, os coletes eram sempre brancos ou pretos (WAUGH, 1964).

Assim, os coletes sempre exibiram uma ampla variação nos detalhes. A fotografia apresentada na Figura 3 mostra a família imperial brasileira. Da esquerda para direita: D. Pedro Augusto e D. Luís, sentados em um banco; atrás deste D. Antônio, em pé no mesmo banco. Atrás deles, em pé, a Princesa Isabel e o Conde d'Eu. Ao lado direito da foto, sentados, D. Pedro II e D. Teresa Cristina e, no meio deles, D. Pedro, Príncipe do Grão Pará, com as mãos apoiadas nos espaldares das cadeiras, que usa um colete sem gola com fechamento alto.

Figura 3 – Fotografia da Família Imperial, J. H. Papf, c. 1889.



Fonte: Museu Imperial (s.d.). Coleção Museu Imperial.

Interessante notar que, dentre os vários coletes masculinos na foto, são diversas as variações. Por exemplo, o colete de D. Pedro Augusto e do Conde d'Eu são muito parecidos: ambos com abotoamento simples e baixo, permitindo ver bem a camisa e a gravata que compõem o traje com a casaca. D. Pedro II usa um colete, com, aparentemente, abotoamento duplo e bem alto (bem fechado), gola do tipo *peak*, compondo seu traje com sobrecasaca (traje preferido de D. Pedro II). O filho mais velho da Princesa Isabel, D. Pedro, Príncipe do Grão Pará, usa um colete sem gola, com fechamento alto.

Para uma visão panorâmica da variação dos coletes durante o século XIX, o Quadro 1 mostra, por décadas, algumas de suas características.

Quadro 1: Panorama das características do colete masculino durante o século XIX.

Período	Característica
Primeira década	Aumento gradual no comprimento (KOHLE, 2001).
Década de 1810	Comprimento abaixo do quadril, com duplo abotoamento, gola larga, dura e ereta e, mais no final da década, usado com abotoamento simples (KOHLE, 2001).
Década de 1820	Até a década de 40, era comum usar mais de um colete ao mesmo tempo. Os coletes eram, usualmente, retos na cintura, mas de 1825 a 1850 apresentavam uma pequena ponta no centro da frente (WAUGH, 1964). A gola vai ser tornando mais estreita até se converter na extremidade superior do colete, virada para baixo (KOHLE, 2001).
Década de 1830	Até década de 50, feito de tecidos ricos na textura e nas cores (apenas a parte da frente, devido ao seu alto preço). Uso de lapela arredondada (ou gola xale) era bastante popular (DAVIS, 1994). Usado com abotoamento simples ou duplo e com pequeno enchimento no peito (MACLOCHLAINN, 2011).
Década de 1840	Cortado reto atrás, com uma pequena ponta na frente. Uso de pence na cava e outra sob a lapela ajudavam a compor o visual do peito arredondado (WAUGH, 1964).
Década de 1850	Uso de tecidos que combinam com a calça (DAVIS, 1994).
Década de 1860	Passa a ser usado o traje com três peças do mesmo tecido (colete, calça e casaco), com exceção do colete usado com a casaca para eventos à noite, que
Década de 1870	continua a ser feito com tecido contrastante (DAVIS, 1994). Para trajes formais, eram usados pretos (WAUGH, 1964).
Década de 1880	Bem ajustado ao corpo, cortado reto atrás ou ligeiramente arredondado.
Década de 1890	Mesmo tecido que o casaco. Com abotoamento simples e gola do tipo <i>notch</i> são, aparentemente, os mais populares (MACLOCHLAINN, 2011).

Fonte: Elaborado por Isabel C. Italiano.

Rui Barbosa possuía coletes avulsos, usados sob os paletós, em tecido de cor clara, comprados na Casa Raunier ou na Alfaiataria Valle, ambas no Rio de Janeiro (REIS, 1999). Porém, para análise, o colete escolhido foi uma peça confeccionada em lã preta (mostrada na Figura 1).

2. As características estéticas e construtivas do colete de Rui Barbosa

Como principais características, o colete tem comprimento de, aproximadamente, 5 cm abaixo da linha da cintura. Conta com abotoamento simples e frontal com quatro botões, dois bolsos embutidos laterais e a parte de trás confeccionada em algodão acetinado preto (visível na foto apenas junto à linha do ombro). Conforme Davis (1994), este tipo de colete curto requer que a calça seja 2,5 cm mais alta, para evitar um espaço entre a borda inferior do colete e a borda superior da calça.

O fechamento frontal do colete de Rui Barbosa é posicionado bem baixo, um pouco acima da linha da cintura, deixando visível grande parte da camisa. É interessante o detalhe do fechamento do lado direito do colete, onde estão posicionados os botões. Este detalhe pode ser visto na Figura 4. Existe um acréscimo de tecido, que fica por baixo do abotoamento, para garantir completo fechamento da peça, sem que a camisa apareça por baixo dos botões.

Figura 4: Detalhe do abotoamento e ponta do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Foto: Isabel C. Italiano, 2013.

Outro detalhe que pode ser visto na Figura 4 é a ponta do colete, na parte central. A borda inferior do colete parte, na lateral, de um ponto um pouco abaixo da cintura e, no centro, forma uma ponta de, aproximadamente, 10 cm. O lado esquerdo do colete, onde estão as casas, é ligeiramente arredondado e pode ser visto na Figura 5.

O colete apresenta uma gola do tipo xale, estreita e bem curva na parte inferior, formando uma abertura em “U”. Esta é uma gola colocada e não dobrada a partir da própria frente da peça, como ocorre em diversas peças de alfaiataria. Davis descreve como esta gola é preparada, denominando-a *step collar*: “é feita a partir de uma peça separada de material e é colocada na abertura frontal [do colete] [...] a gola não continua na parte traseira do pescoço, mas é presa na costura do ombro. Um forro combinando com o tecido é costurado no avesso da gola” (1994, p.114, tradução nossa). Esta descrição coincide, exatamente, com a gola do colete de Rui Barbosa. É uma gola colocada, e muito bem assentada, com forro em tecido marrom. Além disso, a gola não segue para a parte de trás do colete, mas fica presa à costura do ombro.

Figura 5: À esquerda, detalhe do abotoamento do colete de Rui Barbosa e à direita, detalhe do acabamento da gola do colete.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

O colete de Rui Barbosa apresenta, também, dois bolsos na parte da frente. São bolsos embutidos de um vivo, compatíveis com os utilizados hoje em dia, na confecção de peças de alfaiataria e similares àqueles vistos nos coletes da Figura 14. Os bolsos são posicionados em diagonal, um pouco acima da linha da cintura. O vivo do bolso mede 11 cm x 2 cm e, devido ao seu posicionamento, oferece pouca profundidade em seu interior. Uma visão mais detalhada da parte externa do bolso pode ser vista na Figura 6.

Figura 6: Detalhe do bolso do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

A parte das costas do colete é confeccionada em algodão acetinado preto, liso. Da mesma forma que hoje em dia, os coletes têm as costas confeccionadas em material de qualidade inferior à frente. As costas do colete têm uma costura central e martingale⁶ fechado por uma delicada fivela de metal. A Figura 7 mostra as costas do colete com o martingale.

⁶ Martingales são faixas de tecido, neste caso, costuradas horizontalmente nas costas do colete, na altura da linha da cintura e podem ser presas por botões ou fivelas. São usadas para permitir pequenos ajustes do colete ao corpo do usuário.

Figura 7: Visão das costas do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

O martingale é parcialmente preso às costas do colete e apresenta costura pespontada e decorativa, visível no exterior do colete (Figura 8).

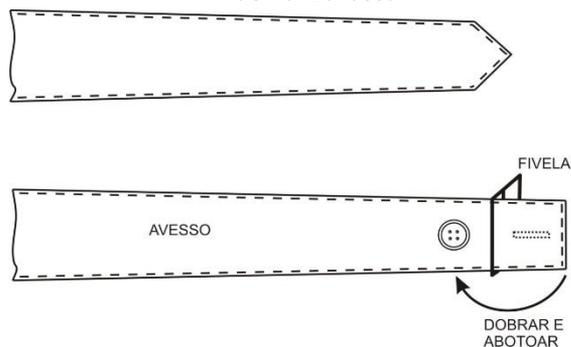
Figura 8: Detalhe do martingale do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

Como mostra o diagrama na Figura 9, um dos lados do martingale termina em ponta e outro termina com a fivela, sendo que, nessa ponta, o martingale é dobrado e abotoado.

Figura 9: Diagrama detalhando o fechamento do martingale do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Elaborado por Isabel C. Italiano.

Na borda inferior do colete, nas costas, existe uma pequena abertura, formando um “V” invertido, com 6 cm de comprimento. Esta abertura facilita o ajuste do colete no corpo, garantindo o conforto do usuário, mesmo que o colete fique bem ajustado na cintura. Esta abertura pode ser vista na Figura 10. Ainda, para aumentar o conforto no uso desta peça, duas pequenas nesgas são inseridas na borda inferior das costas do colete. Como mostra a Figura 10, foram feitas aberturas na barra do colete e inseridos pequenos triângulos de tecidos (nesgas), tanto no direito da peça quanto no avesso. Da mesma forma que a abertura central, estas nesgas favorecem o melhor ajuste do colete no corpo.

Figura 10: Nesga inserida na borda inferior das costas do colete de Rui Barbosa (lado direito da peça – à esquerda – e lado avesso da peça – à direita da foto).



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

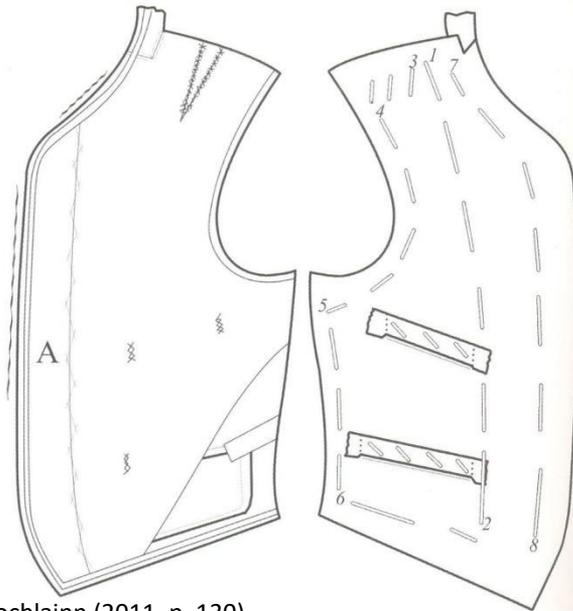
O colete é todo forrado por um tecido de algodão acetinado xadrez. O forro encontra-se em excelente estado, sendo que não foi possível observar a entretela colocada entre o forro e o tecido da frente do colete.

De fato, os coletes do século XIX eram confeccionados com entretelamento completo, no caso de tecidos mais finos e entretelamento parcial, no caso de tecidos mais grossos. Maclochlainn (2011) descreve o método de entretelamento de um colete do século XIX. No processo, é colocada a entretela em quase toda a frente do colete (entretelamento parcial) e, adicionalmente, uma faixa de entretela para reforçar a região do abotoamento. A entretela ficava presa às margens de costura do colete, sob o forro. O diagrama apresentado na Figura 11 mostra, no lado esquerdo, a parte interna do colete, com o entretelamento parcial. A região indicada pela letra A é o reforço para o abotoamento. No lado direito da figura, está o lado direito da frente do colete, após ter a entretela toda alinhavada. Uma característica interessante neste diagrama é que existe uma inserção de nesga na entretela na linha do ombro (pode ser vista no lado esquerdo da figura). Após a inserção desta nesga, que aumentava a linha do ombro da entretela em 1 cm, o tecido do colete também deveria ser estendido (com as mãos ou com o ferro de passar) para ficar do mesmo tamanho da entretela. O resultado seria um formato mais curvo na costura do ombro, conferindo melhor ajuste e caimento. Para que isso fosse possível, na modelagem, a linha do ombro das costas deveria ter 1 cm a mais que a linha do ombro da frente. Esta diferença na modelagem, na linha dos ombros, ainda é usada na alfaiataria atual, para garantir melhor caimento.

MacLochlainn (2011, p. 126) descreve, além do entretelamento, todo o processo de confecção do colete no século XIX, detalhadamente. Este processo, se comparado à confecção do colete de Rui Barbosa, mostra muitas similaridades e algumas poucas diferenças.

A Figura 12 mostra detalhes do forro do colete de Rui Barbosa. É possível perceber a excelente qualidade na confecção deste colete. No forro da frente, que é mostrado na Figura 12 à direita, existe uma prega horizontal, indicada pela seta.

Figura 11: Diagrama mostrando o entretelamento parcial de um colete do século XIX.



Fonte: MacLochlainn (2011, p. 130).

Figura 12: Detalhes do forro do colete de Rui Barbosa.

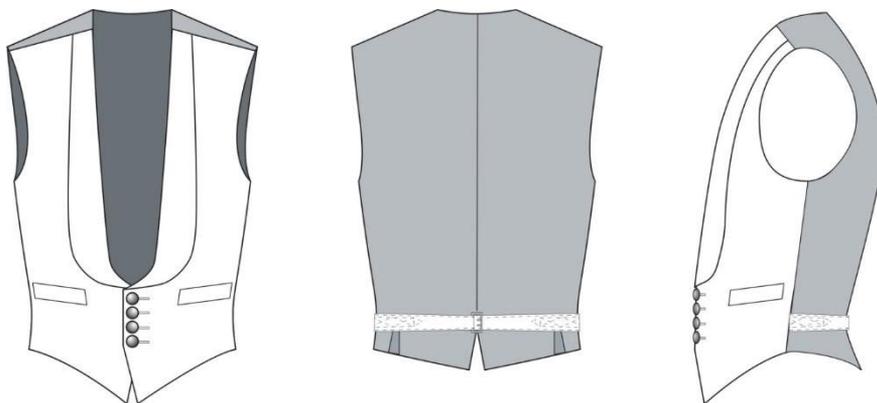


Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Fotos: Isabel C. Italiano, 2013.

3. A modelagem do colete de Rui Barbosa

Para possibilitar a identificação dos detalhes que compõem o colete de Rui Barbosa, foi elaborado um diagrama, que mostra a frente, costas e lateral do colete (Figura 13).

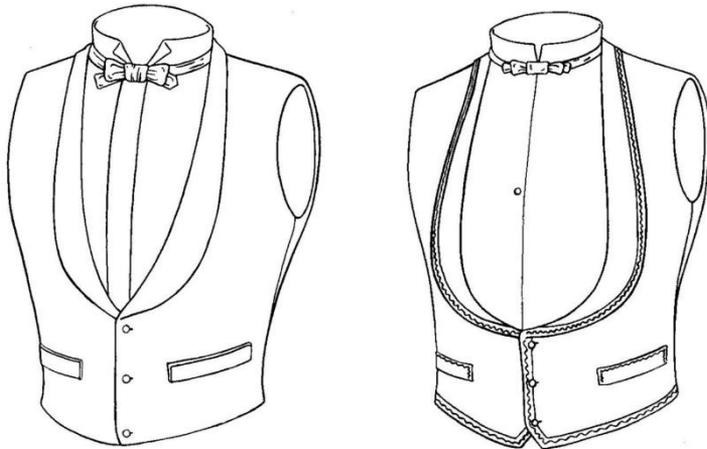
Figura 13: Diagrama do colete de Rui Barbosa, com visão da frente, das costas e lateral.



Fonte: Desenho técnico elaborado por Nelson Kume.

Se comparado ao colete usado pelo Comendador Manuel Correia de Aguiar, na Figura 2, o colete de Rui Barbosa apresenta a abertura em formato de “U” um pouco mais pronunciada. Davis (1994) evidencia este detalhe ao apresentar a modelagem de dois coletes do final do século XIX, cujos diagramas estão apresentados na Figura 14. O colete mostrado à esquerda é denominado por Davis de “colete com gola xale e abotoamento simples, para noite” (1994, p.118), datado do período 1850-1900 e o mostrado à direita da figura, é denominado de “colete com abertura em ‘U’, gola xale estreita e abotoamento simples, para noite”, datado do período 1880-1900 (idem, p.120). Em linhas gerais, o colete de Rui Barbosa se assemelha ao colete da direita da Figura 14, porém, com a abertura em “U” um pouco mais estreita e o colete do Comendador se assemelha ao colete à esquerda.

Figura 14: Colete masculino com gola xale, 1850-1900 (à esquerda) e colete masculino com gola xale, com abertura em “U”, 1880-1900 (à direita).



Fonte: Davis (1994, p. 118 e 120).

Porém, existe um detalhe importante na modelagem do colete de Rui Barbosa, que é a linha da costura de união do ombro traseiro com o dianteiro. Similar à modelagem das peças de alfaiataria atuais, no colete de Rui Barbosa, esta linha de união fica levemente deslocada para a frente do corpo. Para tanto, a linha do ombro da frente é modelada mais baixa que a linha do ombro das costas. Para facilitar o entendimento deste detalhe, a Figura 15 mostra a foto do colete de Rui Barbosa ao lado de um colete social masculino dos dias de hoje. Em ambos, pode-se ver que a linha de união dos ombros está ligeiramente deslocada para frente do corpo. Nos coletes do século XIX, a linha de união dos ombros fica deslocada para as costas. De fato, isso ocorre com diversas outras peças de alfaiataria masculinas, como fraques, sobrecasacas e casacas, além de vestidos femininos. Davis (1994) apresenta um diagrama com a visão das costas dos coletes que foram mostrados na Figura 14. Neste diagrama, apresentado na Figura 16, pode-se ver a linha da costura dos ombros. Esta linha fica deslocada para as costas, com queda acentuada próximo às cavas.

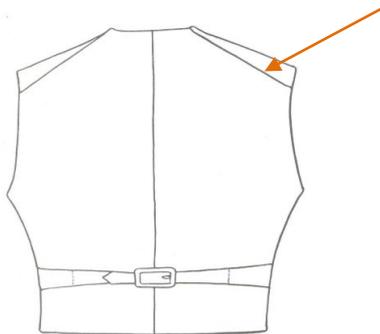
Figura 15 – Colete de Rui Barbosa à esquerda e, à direita, um colete social masculino atual, confeccionado por Fernanda Fonseca⁷.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Foto: Isabel C. Italiano, 2013.

Assim, a posição da costura do ombro é determinada pela modelagem, em uma linha que vai da base do pescoço até a ponta do ombro (ponto localizado na região da junção do ombro com o braço).

Figura 16 – Diagrama mostrando as costas dos coletes utilizados no século XIX.

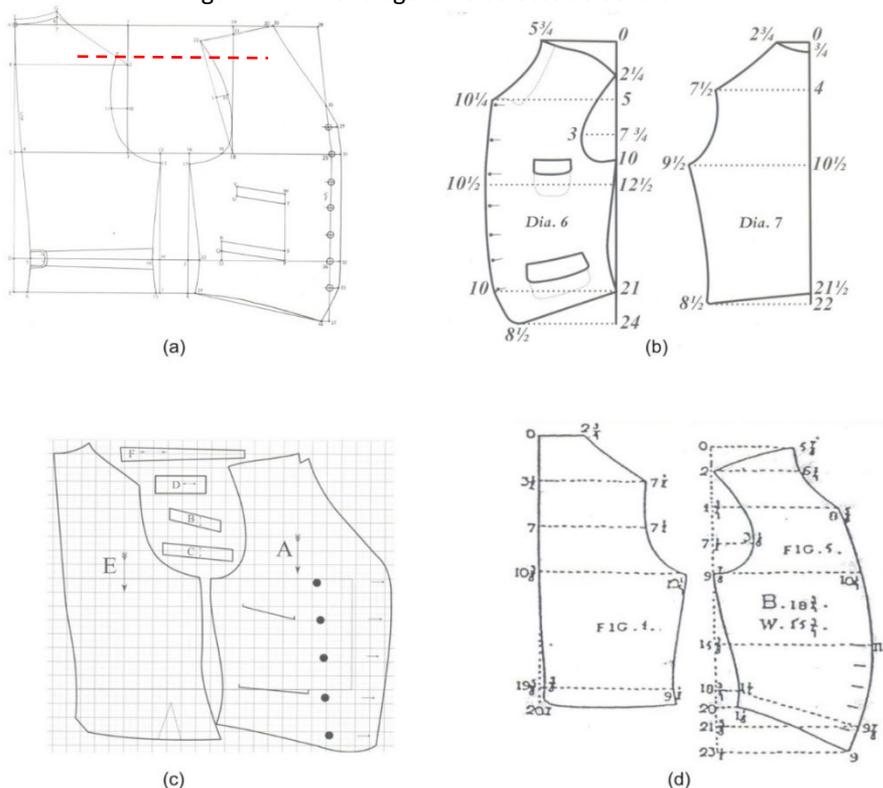


Fonte: Davis (1994, p. 112).

⁷ Disponível em <http://www.preciolandia.com/br/colete-social-88ny5i-a.html>. Acesso em: 3 de dez. de 2021.

Para os modelos de colete do século XIX, nota-se que a ponta do ombro no molde da frente fica mais alta que o ponto correspondente no molde das costas. Isto pode ser visto em alguns moldes do período, mostrados na Figura 17. Esta diferença faz com que a costura do ombro fique posicionada na parte das costas do corpo.

Figura 17 – Modelagens de coletes do século XIX.



Fonte: (a) Davis (1994, p. 113), (b) MacLochlainn (2011, p.101), (c) MacLochlainn (2011, p. 109) e (d) Waugh (1964, p.137).

Nesta figura, o diagrama (a) mostra os moldes das costas e da frente de um colete sem gola, datado entre 1850 e 1900 (DAVIS, 1994, p. 113). É importante identificar a diferença na caída da linha do ombro, a partir da base do pescoço tanto no molde da frente quanto no das costas dos coletes. A linha vermelha tracejada, acrescentada ao molde, pode auxiliar na

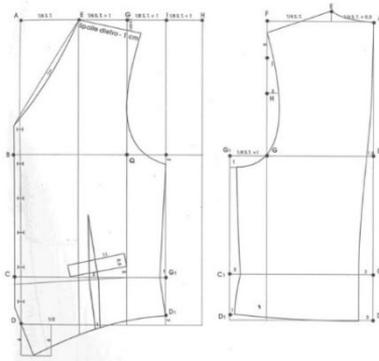
visualização desta diferença. O mesmo ocorre nos outros moldes, sendo que (b) apresenta a frente e as costas de um colete com gola “prussiana”, de 1866, conforme MacLochlainn (2011, p. 101). Os moldes em (c) correspondem às costas e à frente de um colete sem gola, de 1890 (MACLOCHLAINN, 2011, p. 109). Um detalhe curioso nesse modelo é a pequena nesga colocada na linha da cintura traseira, como no colete de Rui Barbosa, visando maior conforto e melhor caimento da peça. Os moldes apresentados em (d) representam as costas e a frente de um colete publicado pela *The Gentleman’s Magazine of Fashion*, da edição de outubro de 1850 (WAUGH, 1964, p. 137).

Na modelagem atual, não existe esta queda tão acentuada da linha do ombro no molde das costas. A caída da linha do ombro é mais suave e a parte da frente é um pouco mais baixa que a parte das costas, o que garante um pequeno deslocamento da costura do ombro para a frente do corpo ou, no máximo, ficando sobre a linha do ombro do corpo do usuário.

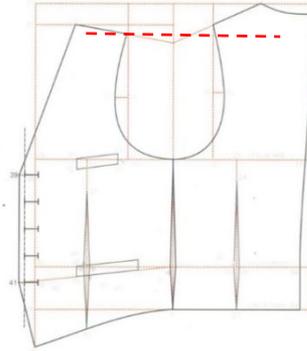
A Figura 18 mostra a modelagem de diversos coletes atuais (final do século XX e início do século XXI). Pode-se notar a parte da frente dos coletes com altura ligeiramente menor que as costas em todos os moldes. Os moldes apresentados em (a) e (b) são de coletes sem gola, a partir das modelagens de Burgo (1992, p. 283) e Rosa (2008, p. 130), respectivamente. No molde (b), a linha vermelha tracejada auxilia na visualização da diferença de altura no ombro. O molde em (c) é de um colete com gola bem similar ao de Rui Barbosa e o molde em (d) é de um colete com lapela tradicional, do tipo *notch*, ambos modelados pelo método proposto pela Académie Internationale de Coupe de Paris-Ecole Supérieure Internationale des Modélistes du Vêtement ([2002], p. 130 e p. 128).

Uma vez realizadas estas análises, é possível desenvolver a modelagem do colete de Rui Barbosa. O traçado usado como referência é o apresentado por Davis (1994), para o modelo de colete de abotoamento simples, com abertura em “U” e gola estreita, do período de 1880-1900, compatível com a data de confecção do colete de Rui Barbosa, com as devidas adaptações para refletir exatamente a peça original, tanto no estilo, quanto nas medidas. O traçado de referência está mostrado na Figura 19.

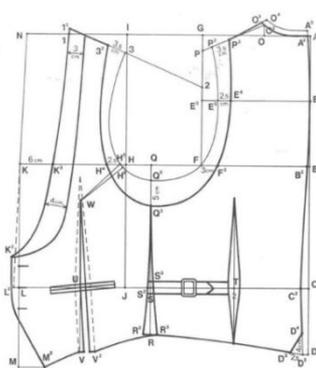
Figura 18 - Modelagens de coletes atuais (século XX e XXI).



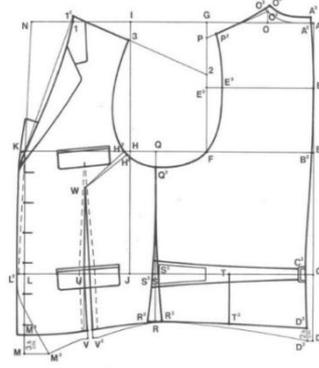
(a)



(b)



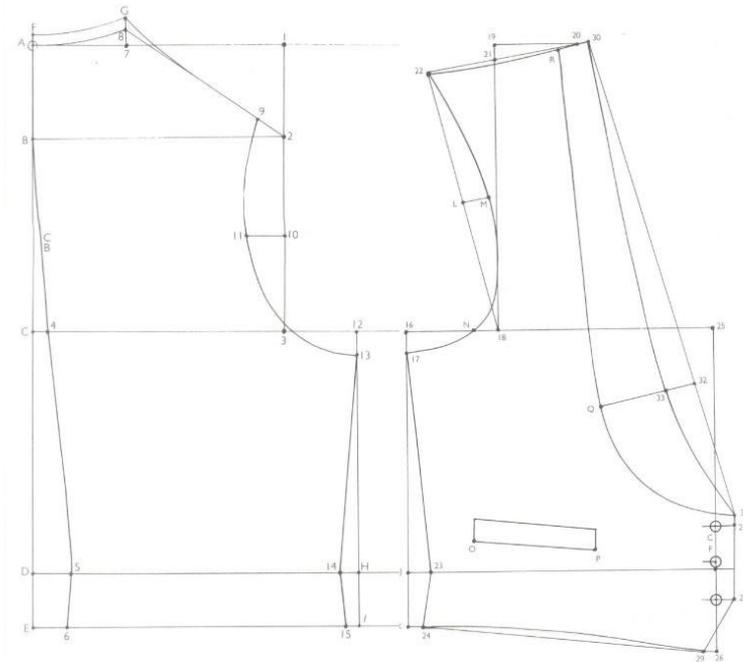
(c)



(d)

Fontes: (a) Burgo (1992, p. 283), (b) Rosa (2008, p. 130), (c) Académie Internationale de Coupe de Paris-Ecole Supérieure Internationale des Modélistes du Vêtement ([2002], p. 130) e (d) Académie Internationale de Coupe de Paris-Ecole Supérieure Internationale des Modélistes du Vêtement ([2002], p. 128).

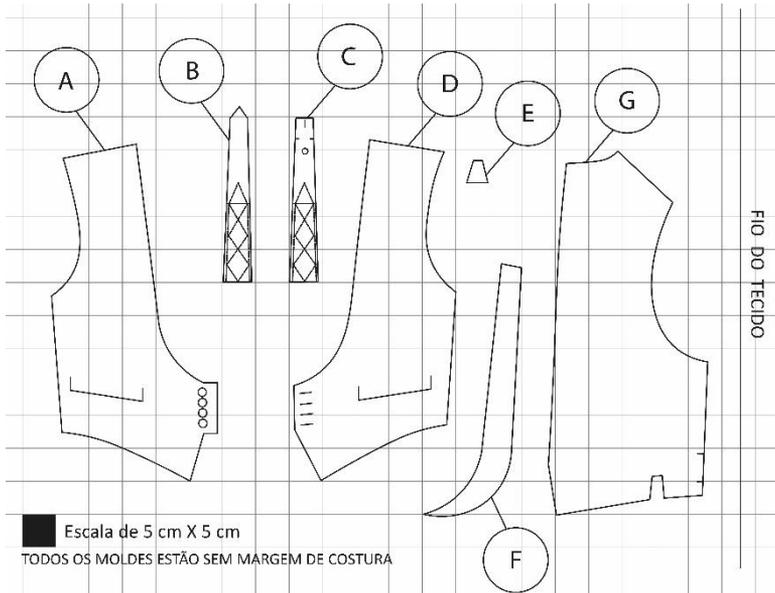
Figura 19 – Traçado de referência para a modelagem do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Davis (1994, p. 119 e 121).

Os moldes desenvolvidos para a confecção do protótipo do colete de Rui Barbosa são apresentados na Figura 20 e imagens da peça confeccionada em algodão cru, na Figura 21. Na Figura 20, os moldes referem-se às partes: A) frente direita, B) e C) martingales, D) frente esquerda, E) nesga das costas, F) gola e G) costas.

Figura 20 – Modelagem do colete de Rui Barbosa.



Fonte: Modelagem e diagrama elaborados por Isabel C. Italiano.

Figura 21 – Protótipo do colete de Rui Barbosa, confeccionado em algodão cru.



Fonte: Acervo de Isabel C. Italiano e Fausto Viana. Foto: Isabel C. Italiano.

4. Considerações finais

O estudo de trajes históricos e suas modelagens, como o exemplo do colete de Rui Barbosa, pode trazer importantes subsídios para o ensino da história da moda, história da modelagem e outras disciplinas, bem como apoiar o desenvolvimento das criações de figurinistas e outros profissionais das artes cênicas. Estes estudos incluem, não apenas, atividades de pesquisa, porém, seus desdobramentos se estendem por atividades de docência e de extensão. Isto possibilita ampliar a formação de alunos de graduação e de pós-graduação, além de disseminar o conhecimento armazenado nos trajes históricos para a comunidade.

Adicionalmente, durante a pesquisa foi possível, também, perceber a importância do estudo da história do vestuário brasileiro por meio de peças específicas. A busca pelo contexto social e histórico de uma peça do vestuário, sua comparação com outras peças similares, brasileiras ou estrangeiras e a busca por métodos de modelagem e de confecção da época, auxiliaram a obtenção do conhecimento relativo ao vestuário no período, bem como importantes aspectos da história do Brasil.

Referências

ACADÉMIE INTERNATIONALE DE COUPE DE PARIS-ECOLE SUPÉRIEURE INTERNATIONALE DES MODÉLISTES DU VÊTEMENT. **Méthode de coupe, vêtements masculins classiques**. Paris: Éditions Vauclair, [2002]. (Collection Modes & techniques). Colaboração de: Jean-Yves Le Merrer.

BURGO, F. **Il Modellismo - tecnica del modello sartoriale e industriale**. Milão: Istituto di Moda Burgo, 1992. 302p.

CASA DE RUI BARBOSA. Vida e atuação. Ministério do Turismo, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/acesso-a-informacao/institucional/rui-barbosa/rui-barbosa-1>. Acesso em 02 fev. 2022.

DAVIS, R. I. **Men's Garments 1830-1900**: a guide to pattern cutting and tailoring. Studio City: Players Press, Inc., 1994, 2ª ed., 150 p.

MACLOCHLAINN, J. **The Victorian Tailor**: an introduction to period tailoring. New York: St. Martin's Griffin, 2011. 160p.

MUSEU IMPERIAL. **Princesa Isabel**: Retratos fotográficos nas Coleções Museu Imperial e Arquivo Grão Pará. Petrópolis: Museu Imperial, s.d., CD-ROM.

PEIXOTO, M. E. S. **Pintores alemães no Brasil durante o século XIX**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1989, 244p.

REIS, C. B. **Indumentária** (Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. 48 p.

ROSA, S. **Alfaiataria**: Modelagem plana masculina. Brasília: SENAC-DF, 2008. 228p.

WAUGH, N. **The cut of men's clothes**: 1600 – 1900. London: Faber and Faber Ltd., 1964.

Esta pesquisa contou com o apoio da FAPESP, por meio de um auxílio pesquisa.

Sobre os autores

Isabel Cristina Italiano: Doutora, professora Associada do curso de Bacharelado em Têxtil e Moda e do programa de pós-graduação em Têxtil Moda, na Universidade de São Paulo. Interesse em pesquisa nas áreas de desenvolvimento de PRODUTOS DE MODA (modelagem e confecção), TRAJES DE CENA (modelagem e confecção de trajes de cena para exposições, teatro, cinema, televisão e dança), TRAJES HISTÓRICOS (modelagem e confecção) e WEARABLES (criação e desenvolvimento). Autora de diversos livros sobre trajes históricos.

Fausto Roberto Poço Viana: Pesquisador de indumentária, moda e trajes de cena. É professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*, *Dos cadernos de Sophia Jobim... desenhos e estudos de história da moda e da indumentária* e *Traje de cena como documento*.